



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425



Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abrir-se para
verificação postal.

DE00442018AN



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

10 de Novembro de 2018 • Ano LXXV • N.º 1948
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

Celebração dos 131 anos do nascimento de Pai Américo



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Já lá vão transcorridos 131 anos desde que Pai Américo nasceu e 62 desde que deixou o mundo. Nos seus quase 69 anos de vida, deixou na história um rasto indelével, marcados, especialmente, pelos últimos 27 de sacerdote e fundamentalmente nos 16 últimos que viveu. Foram estes os tempos da edificação da Obra da Rua, motivo que hoje nos congrega neste dia e lugar.

Passados, como dizia, 62 anos sobre a sua morte, ainda hoje continuamos a ver e a ouvir fortíssimos testemunhos sobre a sua Pessoa e Obra, muitos deles expressos de voz embargada e com lágrimas, sinais da verdade delas e da transformação que operou em milhares de vidas e, consequentemente, no conjunto da sociedade.

Quem fez da fome dos outros sua fome, não poderia mais que procurar saciar-se na justiça. É que a fome de todo o ser humano não é mais que a prova real da injustiça que campeia no mundo. Fome e sede de justiça roíam-lhe o íntimo, pelo que nada mais procurou que saciá-las saciando, pela sua palavra, presença e obras, os não amados, cumprindo o desígnio da sua vida: AMA.

O turbilhão da vida social em todas as épocas,

apresenta-se sempre com a naturalidade do que tem de ser e com a bondade do que é melhor. Pai Américo, pelo seu olhar livre e justo, vendo tudo «às avessas», como costumava dizer, desvendava-lhe a cegueira e descobria-lhe os seus efeitos nefastos, contrapondo-lhes caminhos equilibrados de justiça e de verdade: «O pobre de quem eu me ocupo... não quer uma transferência de riquezas. O que ele quer é a justa e adequada distribuição delas». «Eu sou um revolucionário pacífico, um pobre que sangra, um pai que chora, um português que ama». «A verdadeira Revolução é levantar os prostrados e não deitar abaixo os que caminham».

A vida de Pai Américo seguia pelo caminho da cruz: «Sangro pelos pobres, nossos irmãos, para os aliviar. Choro a sorte dos farrapões das ruas e quero restaurar o que a sociedade estragou...». Alguns, que lhe estavam perto, interpretavam e liam admiravelmente os seus passos. Foi o caso do Padre Grilo, numa visita que lhe fez em Paço de Sousa, numa hora de Getsémani, como Pai Américo a qualificou e redigiu n' O GAIATO de 29/10/1944, sobre aquele encontro:

Continua na página 4

SINAIS

Padre Telmo

Aniversários

HÁ meses que o Paulo Sérgio nos perguntava: — Quando faço anos? Chegou o dia e foi ontem. Tivemos festa.

O Fernando fez 45 e parece um jovem de 17 e dança primorosamente — com ritmo e graça.

O Paulo Sérgio, com barba fechada e gestos de menino, fez 43. Ainda brinca com pedrinhas do chão. Hoje, ficou gracioso com um lindo fato que a Fatinha lhe deu.

— Não o vou rasgar — me disse.

A D. Beatriz fez dois lindos bolos. A D. Conceição deu-lhes uma prenda. Cantámos e apagaram as velas. Foi bonito.

Celebrámos no auditório da Universidade Católica, pólo da Foz — os 131 anos do Nascimento do nosso Padre Américo. Também, no momento, o lançamento do livro do Padre Baptista: *O Calvário*.

Salão cheio. Sedentos de bem, todos nós temos sede. Depois de subirmos as nossas encostas íngremes — uma fonte. Nossa fronte reflectida enquanto nos saciamos.

Comunicação Social sê fonte de tanto bem que há no mundo... somente mal, não! Que pena não estar um jornalista ou uma televisão para darem aos sedentos um pouco de água pura..., mas não.

Os oradores transmitiram-nos o bem e a beleza nas vidas de Padre Américo e Padre Baptista. Vidas dadas e entregues aos Pobres, às Crianças e aos Doentes incuráveis.

Padre Baptista vou reler o seu livro, pois ele me transmite o Bem e a Beleza que tornam verdadeira e grande a realidade do Calvário e sua vida. □

MENSAGEM POR OCASIÃO DA APRESENTAÇÃO DE “O CALVÁRIO”, UMA COLECTÂNEA DE TEXTOS DA AUTORIA DO PADRE ANTÓNIO BAPTISTA

“INFELIZMENTE, por motivos de saúde, não me é possível estar presente na sessão de apresentação de “O Calvário”, que terá lugar amanhã, em muito contrariando o que seriam a minha vontade e gosto.

Não quis, no entanto, deixar de dirigir uma calorosa saudação a todos os que estão na origem desta feliz e oportuna publicação de um conjunto muito revelador de textos que ilustram o quotidiano do Padre António Baptista e o que foi a sua vida, totalmente dedicada aos seus concidadãos mais vulneráveis, àqueles a quem o apoio social não chegou e a quem os serviços públicos não foram capazes de atender, movido, no seu caso pessoal, pelo chamamento da fé católica e por uma inabalável vocação religiosa ao serviço do próximo.

Este é o momento certo para prestar pública homenagem ao Padre António Baptista, cuja vida e obra foram pautadas pela prática de uma cidadania activa e solidária e que foi exercida em difíceis condições pessoais, económicas e culturais, no contexto de uma flagrante ausência do papel protector do Estado e de garante

dos mais elementares direitos dos cidadãos, especialmente dos mais frágeis e desprotegidos.

É próprio da condição humana, poder olhar para trás, revisitar os caminhos seguidos e apercebermo-nos das encruzilhadas de possíveis que se foram diluindo com o curso das opções que vamos fazendo e que, ao mesmo tempo, acabam por determinar um certo rumo para as vidas de cada um. Nestes balanços que o avançar do tempo e da idade em geral propiciam, ficam-nos sempre interrogações, por vezes consternações e pesares, a que aliam contentamentos e outras tantas alegrias, mas nada disso apaga uma dúvida existencial persistente se, em cada circunstância, se poderia ter feito mais ou melhor.

Obrigado, Padre António Baptista, pelos testemunhos na primeira pessoa que, com a publicação desta colectânea, agora, partilha connosco!”

Lisboa 25 de Outubro de 2018.

Jorge Sampaio

[Presidente da República Portuguesa, 1996-2006]

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

FIZ ontem a escritura da casa da Janete. Foi em Lisboa, no cartório, junto dum *Pingo-Doce*, na *Baixa*.

Chegámos antes dos representantes da entidade vendedora e deu para conversar um pouco com a empregada da notária. Ela confirmou a documentação, o valor do cheque visado e mandou-nos esperar. Tudo muito normal, mas após a escritura feita no gabinete da notária, quando se verificou que o pagamento da casa era feito pelo *Património dos Pobres*, então é que explodiu uma bomba de admiração e estremecimento.

Toda gente olhou uns para os outros, interrogando-se sobre o que se passava. A notária interrompeu com a sua voz admirada «*O meu pai ajudava muito a Obra do Padre Américo, mas eu julgava que vocês só tinham rapazes*», eu respondi à senhora, soprando a fogueira que se acendeu nos corações ali reunidos: — *Temos rapazes e pobres. Eu também sou pobre. A roupa que visto foi dada à Casa do Gaiato, para os pobres.*

As companheiras da imobiliária que me transportaram, a mim e à Janete, até Lisboa, deslumbradas com esta acção, também se deixaram tocar: — *Eu fiz a catequese e a primeira comunhão e nunca mais pus os pés na igreja mas agora vou começar a ir. No próximo Domingo vamos — falava em nome da outra — às 9:30h à Missa da Casa do Gaiato pois nunca lá fomos. Queremos começar por lá.*

O efeito deste acto produziu, e tinha que o fazer, conversões para Deus. É o rasto d’Aquele que passou fazendo o Bem, expulsando demónios, dando vista aos cegos e curando os surdos.

Quem dera que a Igreja visse, como vê o Papa Francisco, o Evangelho dos Pobres.

Ele fala do **brado** dos pobres. Fui ver ao dicionário o sentido exacto do que quer dizer a palavra **bradar**. Diz lá: *falar em voz alta, gritar, chamar com instância, clamar, rugir.*

Sim o Santo Padre sente o rugir de uma multidão inumerável de Pobres que são autênticos escravos de uma sociedade fria e cega. Gelada de egoísmo e cega pela ambição do dinheiro.

Existem ainda umas pequeninas luzes, brilhantes como as estrelas longínquas que nos consolam, mas não chegam, de forma nenhuma, para socorrer famílias que vivem atoladas na miséria e subjugadas pela renda altíssima das suas casas!

Quem me dera comprar mais casas! Vivo a aflição daquela mulher que, com três filhas, tem sido uma heroína e, agora, que descobriu o sofrimento de um aneurisma na cabeça foi despedida do seu trabalho, pois *a empresa não pode aguentar uma pessoa com estes problemas*. Ela foi à Segurança Social mas a resposta está decorada, isto é, de cor e sai da boca insensível

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

INCENTIVAR A PARTILHA E CAPACITAR, EM VEZ DE PROMOVER O EGOÍSMO E A DEPENDÊNCIA — Ultimamente a nossa Conferência tem estado a recolher orçamentos para duas reparações de vulto que é urgente fazer numa das casas do *Património dos Pobres* da paróquia. Uma é a substituição da caixilharia de todas as janelas e portas exteriores. Outra é uma reconstrução do telhado. Essa casa foi objecto de um alargamento há uns anos atrás quando o tamanho da família que lá estava aumentou. Esse alargamento implicou alterações no telhado que não ficaram bem feitas. Desde então, sempre que chove há água que entra pela casa dentro.

A pessoa que mora nessa casa foi sempre paciente, muito asseada e nada descuidada com a habitação que lhe foi concedida. Agora que a situação do telhado ficou ainda pior com telhas que se foram quebrando é mais do que tempo e é mais do que justo que seja feita uma reparação como deve ser nesse telhado.

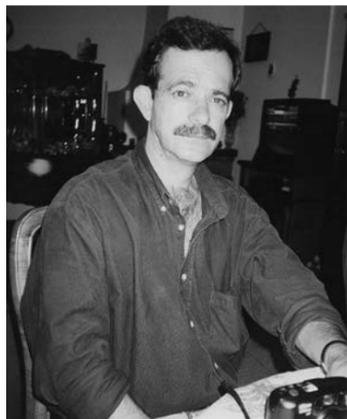
A pessoa em causa não tem meios para custear essas reparações, mas tem familiares que já se disponibilizaram para colaborar naquilo que estiver ao seu alcance. É assim que todos os moradores de casas do Património dos Pobres deveriam proceder, mas nem sempre acontece.

Ainda sobre casas do *Património dos Pobres* da paróquia, a nossa Conferência Vicentina tem prosseguido o trabalho de colaboração com o Conselho Económico Paroquial no sentido de que haja um contrato de comodato celebrado com todos os moradores dessas casas. É preciso que esses moradores tenham bem a noção de que as casas não são deles, nem são para deixar em herança aos seus filhos e netos. As casas do *Património dos Pobres* são isto mesmo: são património da comunidade paroquial que as coloca ao serviço dos seus membros mais pobres e enquanto estes delas precisarem. Quem estiver numa casa destas e tiver possibilidades de poder estar noutra casa, está a ser egoísta e está a cometer uma falta contra os seus irmãos mais necessitados.

Por fim uma nota sobre uma das pessoas que a nossa Conferência acompanha há já bastante tempo e que não tinha trabalho fora de casa. Há dias encontrou emprego graças ao olhar atento de um dos nossos Vicentinos. Já há muito tempo que essa pessoa precisava desse trabalho, por razões económicas, mas não só. Talvez por causa dos traumas que teve na sua vida, é alguém que tende para um estado de inércia e de dependência dos outros no qual não pode, nem deve continuar. Quem dera que este trabalho a ajude a dar um passo em frente na sua vida no sentido de poder ser mais autónoma.

Não nos é fácil incentivar a partilha, a começar pela partilha dentro das próprias famílias alargadas das pessoas que acompanhamos. Também não nos é fácil romper círculos viciosos de dependência nos quais as pessoas que acompanhamos estão enredadas. Há que dizer que muitas vezes não o conseguimos, mas também há que dizer que é isso que procuramos fazer, mesmo que falhemos muitas vezes neste esforço. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE



tos anos em Moçambique casou por lá e regressou a Portugal, depois da Independência de 1974. Fez vida até aos dias de hoje em Lisboa.

O nosso pesar aos irmãos e família dele. Que descanse em paz.

Jorge Alvor

NOVAS INSTALAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO — Começamos por vos dizer que perante as obras que a Obra da Rua está a executar no edifício, sua pertença, onde está localizada a nossa sede, aproveitamos para sugerir ao Director em nos deslocarmos do 1º andar para o espaço da cave. Após restauro e pinturas mudamos os equipamentos e instalamos-nos agora num espaço um pouco mais amplo e de melhores condições, sobretudo para os ensaios da Tuna Musical. Para quem nos quiser visitar, saiba então que estamos como anteriormente na Avenida do Barão Lourenço Martins (antigo edifício dos CTT) 4560-382 Paço de Sousa, só que agora na cave.

PORQUE ACREDITAM NA OBRA DA RUA / OBRA DO PADRE AMÉRICO E NA NOSSA ASSOCIAÇÃO — No dia 4 de Outubro dois representantes da Associação dos Antigos Gaiatos e Familiares do Norte deslocaram-se

EZEQUIEL — No passado dia 23 de Outubro, dia do nascimento do Pai Américo, o nosso Ezequiel Póvoa partiu para junto dele, vítima de doença prolongada no Hospital Santa Maria em Lisboa pelas 14:30. Era irmão do “Canário” e do “Gordinho”.

Deu entrada na Casa do Gaiato de Paço de Sousa a 3 de Fevereiro de 1966, com onze anos. Durante o tempo em que esteve nesta Casa, que foi curto, foi vendedor do Jornal O Gaiato no Porto.

No ano seguinte, a 20 de Outubro de 1967, o Padre José Maria levou-o para abrir a Casa do Gaiato em Moçambique. Depois de estar mui-

PAÇO DE SOUSA

Nuno Machado

SILAGEM — Já fizemos a nossa silagem ao milho. O sr. Jorge, Marcelo e o Bruno, trataram das coisas. O Marcelo cortava o milho, o sr. Jorge transportava os reboques para o silo e o Bruno espalhava e pisava o milho no silo. Este ano tivemos uma boa colheita de milho. O nosso gado daqui a algum tempo vai ter boa ração de milho.

LIMPEZAS — Os nossos Rapazes fizeram a limpeza à nossa Casa porque estamos no Outono e caem muitas folhas das árvores. Também

o Paulo «Mudo» ajudou a tratar das nossas plantas. Plantou árvores e outras plantas nos nossos jardins. Ele gosta muito de ver as coisas limpas e bonitas.

FUTSAL — Mais uma vez os Gaiatos tiveram uma vitória bem ganha por 8-1, contra a equipa de juvenis do Águias de Santa Marta. Os nossos golos foram marcados pelo Joel (6) e pelo Fadul (2). E assim foi mais um bom jogo da nossa equipa, e o nosso treinador Bruno esteve muito bem a orientar.

O sorteio para o nosso campeonato foi realizado no dia 30 de Outubro, e assim vamos preparar-nos para terminar em primeiro lugar.

ANIVERSÁRIO DE PAI AMÉRICO — Comemoramos 131 anos de nascimento de Pai Américo na Universidade Católica Portuguesa no dia 27 de Outubro. Aproveitamos para lançar o livro *O Calvário*, do nosso Padre Baptista, e muita gente comprou-nos livros. Esteve presente o sr. Bispo do Porto, alguns dos nossos padres e alguns senhores nossos amigos que falaram sobre o Pai Américo e o Gaiato. Padre Baptista falou sobre a sua vida no Calvário e sobre o Pai Américo. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

ESCLARECIMENTOS — Uma vez que erros e gralhas repetidas parecem *verdades* e considerando vários pedidos de esclarecimento, por parte de amigos nossos, sobre algumas datas da vida de Pai Américo e da Obra da Rua, que se têm prestado a confusão na comunicação social, será melhor também no nosso *Famoso* dar uma ajudinha, até para aliviar toques do telefone. Assim, onde foi dito/ devia dizer-se:

- “*Fez, esta terça-feira 151 anos data de nascimento de Padre Américo, fundador do Gaiato, da Obra da Rua.*”/ “*Fez, esta terça-feira [23 de Outubro de 2018], 131 anos de nascimento de Padre Américo, fundador da Obra da Rua.*”

- “*O Padre Américo Monteiro de Aguiar (Penafiel, Galegos, 23 de Outubro de 1887 – Campo, Valongo, 16 de Julho de 1956) foi o fundador das Casas do Gaiato!*”/ “*O Padre Américo Monteiro de Aguiar (Galegos – Penafiel, 23 de Outubro de 1887; Hospital Geral de Santo António – Porto, 16 de Julho de 1956) foi o fundador da Obra da Rua - Casas do Gaiato e Calvário, e do Património dos Pobres*”. Sofreu um acidente de automóvel, em S. Martinho de Campo (Valongo), em 14 de Julho de 1956.

- “*Nos 75 anos da fundação da Casa do Gaiato!*”/ “*nos 75 anos da*

fundação da Casa do Gaiato de Paço de Sousa” [em 2018; pois, a primeira Casa do Gaiato de Miranda do Corvo vai celebrar 79 anos, em 7 de Janeiro de 2019].

- Sobre a Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal (Loures): “*entregue, na década de 90 do século passado, ao Patriarcado de Lisboa*”/ “*entregue ao Patriarcado de Lisboa e com estatutos em 5 de Julho de 2006*”.

REUNIÃO DOS PADRES DA OBRA DA RUA — Precisamente no dia em que celebrámos 131 anos do nascimento do nosso querido Pai Américo, na nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo (Coimbra), reuniram os Padres da Obra da Rua, para tratarem de alguns assuntos importantes da vida das várias Casas do Gaiato (em Portugal, Angola e Moçambique) e do Calvário. Estiveram presentes vários *Padres da Rua*: Padre Júlio (Orientador da Obra da Rua, em Paço de Sousa), Padre Telmo (no Calvário, Beire), Padre Manuel António (Benguela), Padre Aclio (Setúbal), Padre Rafael (Malanje) e Padre Manuel Mendes. Em África ficaram Padre Arnaldo Joaquim (Benguela) e Padre Fernando Fontoura (Maputo); e Padre Baptista encontra-se na sua terra (Cabril – Pampilhosa da Serra). Foi celebrada a Eucaristia no nosso Ora-

tório, já reconhecido oficialmente pelo Sr. Vigário Geral.

II DIA MUNDIAL DO POBRE — O *II Dia Mundial do Pobre*, da iniciativa do Papa Francisco, também vai ser celebrado na Diocese de Coimbra, nomeadamente no concelho da Mealhada, no dia 18 de Novembro, Domingo, com a participação da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, respondendo a um convite muito amigo do Sr. Padre Rodolfo, Pároco da Mealhada, e organizado pelos vários Grupos Socio-caritativos: Antes/Ventosa do Bairro, Casal Comba, Luso, Mealhada, Pampilhosa e Vacariça.

O programa resumido deste dia é o seguinte: 10:15h — Missa, na Igreja da Mealhada (Sant’Ana); 11:30h — Almoço das famílias com os Gaiatos; 14:30h — Espectáculo, no Cine-Teatro Messias; 16:30h — Merenda, no Salão Paroquial da Mealhada; 17:30h — Regresso a Casa. Ficámos muito honrados e felizes com este desafio tão amigo e generoso para participarmos, na Mealhada, na celebração do Dia Mundial do Pobre, tão significativo para a Igreja.

Importante: Os bilhetes já esgotaram!

Jornal O GAIATO: Campanha de assinaturas, na entrada do Cine-Teatro Messias. Bem-hajam! □

ERA O ANO I, N.º 19

Pai Américo

Peditório

Estamos a preparar as coisas para pedir este inverno nos teatros e nos cafés da Invicta.

Tê-mo-lo feito nos púlpitos e nos salões e nas Praias e nos Casinos e nos comboios e nos Caminhos, — «pregai o Evangelho a todas as criaturas». E agora é nos cafés, — *ensinai todas as gentes*.

Se não aparecer impedimento grave, vou. Não levo claqué, para que todos sejam da claqué.

Eu poderia muito bem organizar festas ou consentir que outros as organizassem para mim. Não têm faltado convites. Já em Coimbra, eu era solicitado por comissões, para fazerem festas de caridade, a favor da Casa do Gaiato. E até de Lisboa, me acenaram com uma festa no São Carlos, com artistas e a Orquestra da Emissora Nacional: — *Aceite padre*.

É tão difícil resistir a estas tentações, tão lindas, tão humanas, tão ao sabor dos tempos!

Poderia, sim. Porém tenho um tal respeito pela Viuvez, pela Orfandade, pela Miséria e sobretudo pelos Miseráveis, tanta dor, que desejo colaborar nos seus grandes males, e por isso mesmo, escolho a missão dolorosa de mendigar para os sem ninguém.

Quando souberes que a trombeta vai dar sinal, não fujas; é um amigo. □

Elísio Humberto

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Um Retiro no Porto

EM Fátima, por ocasião do *Simpósio do Clero*, o Reitor do Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição — Porto, Padre José Alfredo, que foi companheiro de Seminário, veio dizer-nos que era necessário pregar um retiro, de início de ano lectivo, aos Seminaristas maiores do Porto, de Vila Real e Coimbra. Ficámos mesmo atrapalhados e ao mesmo tempo logo comprometidos com tal proposta inadiável. Um serviço tão belo como o que nos foi apresentado, por amor à Igreja, só tinha uma resposta possível: *Sim!* Parafrazeando o nosso pequenito Norberto, da Cova da Moura, como disse uma vez, também nós segredámos: *As saudades que eu já tinha das pedras do Seminário!* Foi há cerca de duas décadas que ficou para trás a bela e altaneira porta principal, dessa veneranda e inesquecível casa de formação presbiteral, onde pelas manhãs cla-

ras (e de nevoeiro), subíamos (e regressávamos) felizes do Largo de acesso ao Terreiro da Sé, cheios de tantas e marcantes recordações eclesiais e vocacionais — *com molhos de espigas!* Gostámos mesmo muito de sentir os lindos espaços e o ambiente humano de bom acolhimento, com algumas *novidades*, das refeições no refeitório a um oratório de silêncio, no corredor dos finalistas, tão necessário neste tempo. Foi-nos muito grato rezar e celebrar, com as belas cantorias dos *seminas*, na Capela do Seminário, revendo a inscrição *1862 — 1962*, de memória da fundação, e olhando bem para a sua Padroeira e para o Bom Pastor e Servo — Senhor da casa, coração de Dioceses, com esperança em pastores servos.

Assim sendo, no pretérito dia 28 de Setembro, arregalámos os olhos quando atravessámos o Douro, do *Barredo* e das pontes, que olhámos

inúmeras vezes da varanda de S. João de Brito a correr gaiteiro ou pesado para o mar dos sonhos e das lágrimas. Por via das coisas, era imperdoável não levar na sacola a fonte principal da Água Viva — *a Escritura Sagrada*, em especial o *Novo Testamento*, no qual fisgámos algumas passagens vocacionais e sobre a pobreza evangélica, bem saborosas, ruminadas e para *comer* outra vez e muitas mais, propostas a corações jovens à procura do Pastor eterno e Servo sofredor. Do Magistério da Igreja, foram guias também os documentos basilares do *II Concílio do Vaticano* e a bela Encíclica *Pastores dabo vobis*. De exemplos presbiterais, foi-nos sugerido (e bem) o *Servo de Deus Padre Américo!* — cujos escritos certos e muito actuais são testemunhos de uma vida radical como *amigo de Deus* e *servo pobre dos pobres*. Da nossa experiência de vida e pastoral, também desfiámos algumas histórias sentidas de momentos fortes e radiantes em veredas e no *Caminho da Luz!*

O tema principal dos trabalhos, em dois dias de indispensável silêncio, foi apontado e por nós

alargado e burilado, com a devida antecedência e prudência: *Da Fé do Seminarista à Pobreza sacerdotal*. Estava mesmo à porta o Sínodo dos Bispos, sobre *os Jovens, a Fé e o discernimento vocacional*. No *Instrumentum laboris*, foi realçado um dos objectivos: *acompanhar os jovens no seu discernimento vocacional e nas escolhas fundamentais das suas vidas*. O elemento-chave para interpretar o dinamismo vocacional é a *consciência* e muitos jovens pedem ajuda para interpretar os acontecimentos da sua vida à *luz da fé*. Numa dúzia de países europeus analisados, num estudo para informar os trabalhos, o facto mais significativo foi este: *mais de metade dos jovens afirma não se identificar com nenhuma religião*. Certos jovens desejam fazer a experiência de Deus e procuram conhecê-LO melhor; porém, a pergunta da *ligação a Deus* vai acontecendo fora dos vínculos tradicionais.

Não será despiçando trazer algumas linhas simples desses encontros, para estas colunas nascidas do coração e da pena de Padre Américo, que sangrou até ao fim pelos últimos: *Desde Julho do ano de 1929, em que me tornei sacerdote, nunca mais deixei de frequentar e servir o quinhão que Deus me destinou pela sua misericórdia*. É uma ligeira partilha para ajudar a meditar por estes dias, em que a Igreja presta mais atenção aos seminaristas e às equipas formadoras — a *Semana dos Seminários*. O tema em foco este ano — *Formar discípulos missionários* — salienta este aspecto fundamental: *A ideia de fundo é que os seminários possam formar discípulos missionários, enamorados do Mestre, pastores com o cheiro das ovelhas, que vivam no meio delas para servi-las e conduzi-las à misericórdia de Deus*.

Continua no próximo número

BEIRE — *Flashes* do nosso quotidiano

Um admirador

1. *Ó Senhor/a, eu vou fazer anos!*... Penso que, aqui em Casa, são poucos os que têm alguma noção do que é *fazer anos*. Não sabem nem idade nem data de nascimento. Ainda que todos gostem muito de se sentir alvo de uma atenção especial. Numa *festa em sua honra*. Mesmo sem saber dizê-lo, em termos de noção do tempo, também estes rapazes e estas doentes sabem que o amor ultrapassa o tempo. Porque *o amor é eterno*, mesmo que *só enquanto dura*, no poético dizer de Vinícius de Moraes. Vê-se que, a seu modo, todos gostam de vivenciar tais experiências em que a pessoa sente a eternidade no tempo. Porque esta nossa gente, quando se sente o centro das nossas atenções, tudo neles vibra num clímax de *alegria tal que abule todo o tempo*. *Isso* de que, no revelar da psicologia, todos necessitamos experimentar, ao menos de vez em quando, *para nos mantermos num mínimo de equilíbrio social e psicológico*... É a nossa necessidade de emoções fortes, para nos sentirmos bem vivos. (Lembro a sabedoria de Pai Américo quando, com escândalo de muitos, comprava um bolinho para algum miúdo que lho pedia e pagava com o dinheiro que lhe davam *para dar de comer aos pobrezinhos*. “A boca dos pobres, escreveu, é igual à boca dos ricos. Por isso, de vez em quando, também os pobres têm necessidade de alguma coisa de supérfluo”).

O nosso *Tirapicos*, que gosta de dizer *eu sou o Paulo Sérgio*, sabe que fazer anos é ter direito a um prato de comida mais compostinho; ter um bolo com velinhas e tudo, uma prenda (*um chocolateito*, informa ele...) e, sobretudo, um parabéns a você, cantado por todos. Reparo que, em ocasiões de maior fragilidade, ronda-me muitas vezes: — *X'Abel, eu quero fazer-lhe uma pergunta: Quando é que eu faço anos*. Isto repete-se dezenas e dezenas de vezes ao longo do ano... Na sequência do que lhe respondendo, lá se vai com um *está bem* na boca, logo seguido de *obrigado*. De seguida, volta atrás: — *Em que*

dia é que calha? Se eu não sei e digo que preciso ir ao escritório ver a ficha dele e o calendário, já não me larga mais. Quer ir comigo e, ali diante de mim, meter literalmente o nariz em cima do papel, como que a ver se é verdade... (*Tirapicos* gosta muito da escola: — *a sra. Professora é minha amiga*... — mas, nos seus 43 anos, ainda não conseguiu ler *uma letra do tamanho de um comboio*).

Entretanto, enquanto está naquela *onda dos anos*, se chega alguém que não seja do nosso quotidiano, *Tirapicos* vai a correr, estende a mão para cumprimentar, e dispara: — *Ó senhor/a, eu vou fazer anos. Podia levar-me à Vila da Feira, porque é a minha terra?!...* Há dias, já perto do 26 de Outubro, dia do seu aniversário, depois de almoço, levanta-se do lugar, vai para a minha beira, debruça-se sobre a mesa, quase mete o nariz no meu prato, e dispara: — *É hoje que eu faço anos? Ao ouvir um não, ainda faltam xis dias*, visivelmente mal humorado, retoma: — *Poça, já não percebo nada. Ainda vai chegar o Natal e eu sem fazer anos...*

2. *Uma homenagem a P.e Baptista*. Foi a propósito dos 131 anos do nascer de Pai Américo e do lançamento / apresentação do seu novo livro *O Calvário (Páginas Escolhidas e Documentário Fotográfico)*. Os amigos e a família lá conseguiram arrancá-lo ao seu silêncio de eremita, num cantinho de Arganil, na Pampilhosa da Serra. Trouxeram-no até à U. Católica onde a cerimónia decorreu. De tudo o que ali aconteceu de bonito, registei com particular agrado três momentos:

a) *A calorosa e prolongada salva de palmas*, com que foi recebido o seu levantar-se, em momento próprio, para se dirigir à mesa. Toda a gente se levantou, num gesto de reverência ao ancião que, nos seus 88 anos, pausadamente, descia o Auditório Carvalho Guerra, para subir à mesa da presidência. O mesmo gesto foi repetido no final da sua succulenta intervenção;

b) *A intervenção do Prof. Doutor Walter Osswald*. Fez-me lembrar um rasgo da nossa “teologia do Deus de Jesus”. Tentando que a minha memória octogenária não traia demasiado o douto orador, guardo que “a verdadeira homenagem a P.e Baptista não é o livro, não é uma sessão como esta, não são as louvaminhas de circunstância. A verdadeira homenagem a P.e Baptista é o “seguimento” da obra de P.e Baptista. É o prolongar no tempo esta obra ímpar, vislumbra por Pai Américo e encarnada por ele — desde a arquitectura até ao reeducar e cuidar dos doentes e rapazes marcados pela deficiência. Num jeito de tal modo original que ainda poucos conhecem bem esta Obra e a entendem como ela merece. Obrigado, Sr. Professor. Realmente, “não é o que diz Senhor, Senhor... mas o que põe em prática...” (Mt 7:21, 24-27).

c) *A intervenção do Sr. Bispo do Porto*. Que arte aquela de pôr o dedo na ferida! Com toda a delicadeza e seriedade que o assunto merece. O elogio que fez aos Padres da Rua, nomeando cada um pelo seu nome, a rematar: *É o melhor que temos na Diocese*... E o desafio que a todos faz — *Padres e Colaboradores desta Obra da Rua: PRO+ seguir na fidelidade ao Espírito de Pai Américo, em consonância com as conquistas das Ciências Sociais, Ciências da Saúde e sempre atentos aos sinais de cada época*.

Que bonito e que oportuno programa. Como aprendiz de ser pensante, registei que o *espírito* de cada pensador está como que *enterrado / morto* na palavra escrita que nos legou. Ao leitor de cada época compete *RE+suscitar e Encarnar* esse mesmo espírito, hoje, no aqui e agora de cada circunstância.

Dura, difícil, mas nobre missão esta de *RE+suscitar* Pai Américo (e, porque não dizê-lo, também P.e Baptista...) nos dias de hoje em que os novos *letrados* e os novos *fariseus* não param de *espiar tudo* na mira de tudo manter bem *enterrado*... (Mt 22, 15-21). □

NOVO E-MAIL DA OBRA DA RUA

Informamos os nossos Amigos que a partir de 30 de Novembro do corrente ano, o e-mail obradarua@iol.pt deixa de existir. O novo e-mail é geral@obradarua.pt e já se encontra em utilização. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

de quase todas as técnicas: *não há verba. — Não há é coração!*

O facto de reconhecer no mundo imenso da pobreza, diz o Papa Francisco «*A nossa própria intervenção é limitada, frágil e insuficiente, leva a estender a mão a outros para aquela mútua colaboração, a fim de alcançar objectivos de maneira mais eficaz*».

A resposta é mínima mas é visível e eloquente: «*Amigo P. Acílio, voz incansável na defesa dos Pobres, junto resposta ao apelo do nosso Jornal para que os nossos gaiatos de Malanje possam comer arroz e feijão com algo mais e tenham máquinas que lhe permitam “Pescar”*». Esta veio de Coimbra.

«*Ao ler o Gaiato sobre Malanje fiquei muito triste comigo mesma; o meu frigorífico está cheio, graças a Deus (...) e há tanta gente a passar mal e ainda crianças. Sou viúva vivo da minha pensão pequena junto com a do meu marido, dá para viver com dignidade e é com dignidade que todos deviam viver (...) sou feliz e envio-lhe uma migalha (...) obrigado por estar a fazer o que todos os católicos deviam fazer*».

«*Assim que chega O Gaiato*

começo por ler os seus desabafos. Acho que não devo fazer perguntas nem comentários pelos motivos que sabemos e tanto os afligem e desequilibram. — Aquela do feijão com arroz deixou-me angustiada. Vivemos num mundo de ambição e vaidade».

«*Acabo de ler o artigo Património dos Pobres do último jornal. É com as lágrimas nos olhos que venho agradecer-lhe a notícia da compra da casa para essa família perseguida por aqueles que, por dever deveriam defender e ajudar! Eu nunca mais esqueci a Janete e os seus filhos e rezei algumas vezes por ela mas nunca esperei que a resolução do caso fosse a compra de um apartamento. Larguei o Jornal para ir partilhar a minha alegria com o Senhor. Muitas vezes tenho vontade de gritar contra as injustiças exercidas contra os mais pobres que muitas vezes têm mais dignidade e nobreza que muitos poderosos do nosso país*».

«*Aqui vai uma pequena importância para o teu saco roto. Do momento não posso mais. Peço que te lembres de mim, e dos meus nas tuas orações*».

Eu podia continuar pois há ainda mais vozes que ouvem o **bradar dos pobres**. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

www.obradarua.pt

https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 20450

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

BENGUELA

Padre Manuel António

Não podemos parar...

ESTAMOS a celebrar, hoje, dia 28 de Outubro, a Festa do Imaculado Coração da Virgem Santa Maria. É a Padroeira de Angola. Todos os filhos de Angola devem ter um coração animado pela força do Amor. Deste modo, não haveria a situação miserável em que vivem multidões de crianças. Quando meditamos na beleza do Coração da Virgem Mãe que, por amor aceitou a Maternidade de Jesus, Filho de Deus Pai, as nossas vidas querem ser também mães dos filhos abandonados. Que maravilha! Temos uma oportunidade extraordinária para a mudança dos nossos corações. A indiferença, o egoísmo e outros males estão na raiz da situação miserável em que vivem tantos filhos! A celebração desta Festa terá um efeito admirável em cada um dos nossos corações, na medida em que sentimos o apelo a um coração semelhante. O Coração da Virgem Santa Maria seja o nosso coração. Quem dera! Esta é a maneira mais rica da celebração deste acontecimento. É o caminho seguro para a salvação da miséria e do abandono da multidão de filhos da nossa querida Angola.

Há centenas de milhares de crianças abandonadas, nesta nossa querida Angola. Por isso, o cami-

nho seguro e verdadeiramente eficaz contra esta desgraça está num coração cheio de misericórdia em cada pessoa. Nenhum membro da comunidade social deve sentir-se indiferente, perante esta situação. Quem nos dera poder receber mais crianças abandonadas, em nossa Casa do Gaiato de Benguela! Os pedidos, sem dúvida, chegam-nos das mais variadas partes do território nacional. Não temos, porém, condições para acolher esses filhos. Nesta fase da nossa vida, estamos a melhorar as condições duma das casas de habitação. Por isso, esse edifício está encerrado para acolher novos filhos, até à conclusão dos trabalhos de renovação. Sem a ajuda dos vossos corações generosos não podemos avançar. Por isso, temos confiança no vosso amor e esperamos a vossa ajuda financeira, na medida das possibilidades. Não podemos parar. Não temos outras fontes, para além da generosidade dos vossos corações.

A escola continua o seu ritmo normal de trabalho. É, sem dúvida, um dos pontos essenciais da nossa vida. Os nossos filhos, que são também vossos, estão a dedicar-se com muito interesse para um bom resultado escolar. Referi, há tempos, uma notícia colhida num jornal,

em que era apresentado o número de cerca de quatro milhões de angolanos que não sabiam ler nem escrever. É, sem dúvida, uma situação deprimente. Por isso, foram criados espaços, também, para a multidão de filhos e filhas dos bairros circunvizinhos para que possam ter oportunidade de frequência escolar. Esta dimensão escolar educativa merece todo o empenho para preparar uma sociedade futura mais humana. Os tempos livres das actividades escolares são ocupados em trabalho nas várias oficinas. Fazer de cada rapaz um Homem é, sem dúvida, um princípio básico da estrutura educativa da nossa e vossa Casa do Gaiato de Benguela.

Outro problema que nos aflige está relacionado com a protecção duma parte importante da estrutura física da nossa Casa do Gaiato. Muitas pessoas, de todas as idades, em qualquer hora do dia ou da noite, passam através do nosso terreno agrícola e a zona residencial. A solução verdadeiramente eficaz é a construção dum muro, como é natural. Sabemos onde estão os materiais para esse efeito. A mão de obra também. Faltam-nos as disponibilidades financeiras. Vimos, pois, pedir a vossa ajuda para a realização deste projecto. Temos esperança. Recebei um beijo dos filhos mais pequeninos da nossa, e vossa, Casa do Gaiato de Benguela, com todo o carinho da gratidão. □

decisão. O processo educativo é autêntico e fecundo quando existe discernimento, liberdade para tal e responsabilidade acima das duas anteriores. A conclusão é de Pai Américo: «*Nós respeitamos absolutamente a liberdade de pensar e de dizer, inata na pessoa. Os rapazes podem dar as suas opiniões. É precisamente por isso que nós temos mais facilidades em conhecer, probabilidades em corrigir, maneiras de orientar. A liberdade é o maior [dom espiritual]. Deus cria o homem livre e respeita-lhe a liberdade. Chama feliz àquele que pode fazer o mal e não o faz; ao que pode transgredir e não transgredir. Isto é: livre e libertino são palavras antagónicas. Eis a nossa escola «risonha e franca».* □

SETÚBAL

Padre Acílio

Seminaristas da Diocese

FOMOS visitados por quase todos os seminaristas de Almada que se preparam para ser padres.

Acompanhados por seu Reitor viveram connosco uma tarde e jantaram com os rapazes distribuídos à mistura, com eles, por diversas mesas.

Quem os recebeu, em primeira mão, foi o Igor que fez a fineza de os levar à quinta, ao gado e às casas dos rapazes.

Quando cheguei já eles tinham dado uma olhadela pelos lugares mais atraentes da Casa acompanhados pelo Igor. Falei-lhes então no meio do nosso jardim, da raiz da Obra. **A Pobreza, o amor aos Pobres e a confiança na Providência Divina** sustentáculo de toda a acção e fonte da nossa energia e felicidade.

Os seminaristas são todos jovens maduros, alguns já com experiência de vida, cursos superiores completados em áreas diversas e olhos abertos.

O meu encontro com eles foi um momento de enorme alegria e esperança: *quem sabe se o Senhor não chamará algum para esta Messe.*

Sim, foi o meu contacto com a Obra em Miranda do Corvo que me alargou o ideal e, por fim, me fez optar radicalmente por ele. A pobreza dos pobres é a maior riqueza que Jesus nos pode dar e o melhor amparo para toda a vida e a Eternidade.

Quem sabe? Uma Casa do Gaiato é o Evangelho Vivo.

Rotary Clube de Palmela

A Casa do Gaiato é sempre uma porta aberta ao bom e ao mau, ao rico e ao pobre. Nunca negamos a ninguém uma visita e, muito menos, a quem nos quer conhecer e dar a perceber, pois esta realidade que somos, é uma entrada forte à pré-evangelização. Aqui está continuamente o dedo de Deus como sentia e divulgava o P. Américo.

O Rotary Clube de Palmela é, este ano, presidido pelo filho de um gaiato que vive uma profunda gratidão à Obra que o lançou na vida. O filho não podia fugir às pegadas do pai. Assim, uma das suas primeiras ambições foi trazer à Casa do Gaiato os membros do seu grupo e conviver com os rapazes num jantar solidário.

Combinado o dia, vieram com alguns familiares e convidados do distrito e da cidade de Setúbal, bem como companheiros de outros clubes de Lisboa. A refeição foi confeccionada, quase somente, com produtos da nossa quinta, trabalho das nossas Senhoras, do Octávio e mais Gaiatos que serviram com garbo, tão ilustres visitantes.

Deixaram-nos mil duzentos e cinquenta euros mas levaram o coração enriquecido por terem comungado connosco e apreciado de perto a riqueza espiritual e humana da Casa do Gaiato.

O que foram dizer para comunicação social da cidade do distrito faz parte do seu modo de pensar e agir. A nós interessou-nos sobretudo, que nos conhecessem e levassem no seu coração o sentido mais próximo daquilo que somos.

Contentor para Malanje

JÁ chegaram todas as máquinas e o material necessário para a construção da rega de vinte hectares de terreno da nossa casa em Malanje. Está tudo pronto para ser embalado num contentor de quarenta pés, mas o que nunca sonhamos é que um peso económico tão grande, viesse cair tão rapidamente sobre nós, com tão poucas ajudas dos nossos amigos. Dois projectos ao mesmo tempo atrapalharam muito a nossa economia caseira. Esperamos que outros amigos que nunca nos ajudaram sintam o nosso peso e resolvam fazer algum sacrifício.

Estamos confiantes mas os fornecedores exigem o pagamento dos produtos e das máquinas compradas. □

VINDE VER!

Padre Quim

É tempo de educar

O contexto que se vive nos tempos de hoje é marcado por grandes desafios, afrontas e adversidades à mistura. O panorama educacional da actualidade não foge à regra. Em nossa Casa o rapaz goza de liberdade, até, muitas vezes, se fica com a impressão de que andam soltos demais pela Aldeia. A liberdade é um pressuposto irrenunciável de toda educação. Hoje nenhum processo de educação obterá futuro se as pessoas envolvidas não se situarem no interior de um espaço de liberdade. Tudo que está à nossa volta, aproveita-se para dar uma lição de educação ao rapaz. Certa vez, um homem veio pedir um espaço para ensinar artes marciais. Disse-lhe que sim, mas com a condição de que as actividades tivessem todas um fundo educativo pautando pela disciplina, ordem e respeito. O espaço verde e colorido que a mãe natureza nos oferece, trás consigo o sentido da beleza. Mesmo às portas de Novembro começam outra vez a florir as acácias. Estiveram estes meses todos cobertas de folhas. Com as temperaturas altas, nasceram uma espécie de botons entre os galhos e a ramagem, e o verde esperançoso cedeu o seu lugar ao rubro. E a avenida da capela ficou com mais cor e beleza. É tempo de calor, luz e sol em dias longos, de noites curtas. Benguela é assim por estas alturas do ano. A natureza é um dos “cinco amores” presente no dia-a-dia do pequenino em clara e notável ascensão dentro do nosso projecto educativo. As expressões “cinco amores”, não são da minha autoria. Foi extraída do livro da Associação dos [nossos] Antigos Gaiatos e Familiares do Norte.

Intitulado de forma mais realista e coerente em relação ao texto todo. E passo a apresentar “Esses caminhos que andamos...” no prefácio, o senhor Padre Júlio o apresenta como um trabalho feito com simplicidade, verdade e humildade... são testemunhos de quantos tiveram a felicidade de vir para as nossas Casas e andar juntos nos caminhos alicerçados pelas iniciais do nome do fundador da Obra: AMA. Qual imperativo mais original, o Mestre Eterno no-lo mandou construir sob o modelo de vida alicerçada na pobreza. O testemunho e a experiência de vida são importantes factores educativos para direccionar as jovens gerações: através do passado, aprende-se a caminhar como convém, firme e seguro na auto-realização.

A natureza tem vida e encontra-se em constante movimento, e apresenta desafios e barreiras a serem superados. O rapaz gosta de superação, de escalar a montanha, de querer subir e ser mais, de estar onde não estava anteriormente. E neste sentido de querer ser grande, a orientação é fundamental. Não aconteça que estando a apontar o caminho a seguir esteja ainda limitado a olhar para o dedo indicador. Querer subir? Sim, mas para onde? Querer ser grande? Sim, mas grande em que sentido? Querer fazer? Sim, mas fazer concretamente o quê? A orientação vocacional como proposta para ajudar a potencializar as capacidades do rapaz, em função das valências e insuficiências que os acompanham desde o tempo da rua pode ser uma pista florescente na fase derradeira de seguir a esquerda ou a direita, nas horas sublimes de tomada de

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

«*Naquela tarde aparece uma visita. É o Padre Grilo de Matozinhos.*

Subimos de braço dado a Avenida “Duarte Pacheco”. Conversamos das obras, dos rapazes, de coisas.

— *Sim, meu padre; Deus quer as Suas obras cheias de confusão, de trabalhos, de dor.*

Sangue, suor, oração, são a argamassa divina das casas que se estão a levantar. É a sua cooperação. Despedimo-nos. Trazia muita paz. Deixou muita paz. A Paz do Senhor! Volte cá mais vezes, Padre Grilo.»

Horas de Getsémani foram acontecendo, a seu tempo, ao longo dos seus dias. Próximo já do final da vida, em consequência do tal turbilhão que envolve a vida humana no mundo, hora muito dolorosa, foi a perda do seu principal companheiro de trabalhos, fiel

e amigo, que numa opção infeliz, resolve seguir noutra direcção, do que resultou a precoce separação da Obra da Rua da recentemente formada Casa do Gaiato dos Açores. Nos momentos decisivos não há ambivalência, mas uma opção clara e definitiva: «*ou... ou...*»

Por fim a morte: «*sangue contra sangue*», como ele a definiu. A marca dos heróis define-se no epílogo das suas vidas, onde se concentra a total disponibilidade por um ideal. Em Pai Américo este não foi um fim mas a mudança para uma nova realidade, um novo começo, uma nova forma de agir: «*A minha obra começa quando eu morrer.*»

Uma vida conduzida pelo amor ao próximo, imagem viva do bom samaritano do Evangelho, incarnando-o em palavras e obras, teria de merecer a aprovação de Jesus Cristo e dos homens, exceptuando a dos que passam ao lado.

Nestas mesmas pisadas segui

a Obra da Rua o seu fundador, pelos anos fora, realizadas nos passos dos seus obreiros. Entre estes destacamos hoje o senhor Padre Baptista, o último padre da rua contemporâneo de Pai Américo entre nós, que dele recebeu a incumbência de concretizar a obra que a sua inquietação levou a sonhar — o Calvário, lugar de família e de paz para o doente incurável sem família nem lugar onde repousar a sua cruz: «*Um lugar onde cada padecente leve, sim, mas não arraste a sua cruz dolorosa.*»

O seu novo livro, *O Calvário (Páginas Escolhidas e Documentário Fotográfico)*, recebemo-lo como a terra recebe a semente, fazendo-a parte de si, e juntamente com ela produzir vida que se multiplica. O destino do homem é a vida, embora necessariamente passe pela purificação do que em si é morte. O Calvário é ajuda preciosa para esta redenção. □